

Recursos Discursivos presentes em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos

➤ **Fluxo de Consciência:** técnica que representa o fluxo de pensamentos (conteúdos e processos psíquicos) da personagem.

➤ **Em *Vidas Secas*** é formado pela *onisciência do narrador* e pelo *discurso indireto livre*. Um exemplo ótimo de fluxo de consciência é o final do capítulo Baleia, onde a pobrezinha agoniza com pensamentos soltos, que realmente parecem ser produzidos em um pensamento de alguém agonizante.

➤ **Narrador Onisciente:** sabe tudo sobre o enredo e as personagens. Sabe, inclusive, de coisas que as próprias personagens não sabem. Além de observar, o narrador sabe e revela os sentimentos e pensamentos mais íntimos das personagens.

➤ **Narrador Onisciente Prismático:** diferentemente do narrador onisciente tradicional, que vê tudo e sabe de tudo, posicionando-se muitas vezes ostensivamente, em *Vidas secas*, o relato é conduzido de tal forma que o leitor entra em contato direto com a realidade, enxergando-a pelo prisma da personagem que está em cena. Assim, uma mesma realidade vista por óticas distintas, variando conforme a personagem que a focalize. Isso se torna possível graças ao emprego do *discurso indireto livre*, em que a “voz” do narrador se mistura com a “voz” da personagem.

Exemplo: Em “Inverno”, o leitor “vê” a chuva, guiado pelo olhar de Fabiano e sinha Vitória; já em “Fuga”, que encerra o romance, a retomada da sina de retirantes é focalizada sob a ótica do menino mais velho. Assim, acumulam-se ângulos de visão parcial, próprios de cada personagem do romance. O narrador usa a onisciência não para retratar o ambiente, mas como instrumento de análise comportamental e psicológica. Esse traço empresta ao romance um perfil bem mais complexo do que aquele que teria se o narrador se limitasse a descrever fatos e personagens.

➤ **Discurso Indireto Livre:** ambiguidade resultante da fusão entre o discurso do narrador e as falas ou pensamentos da personagem. Gramaticalmente, o discurso parece ser do narrador onisciente; do ponto de vista do conteúdo, é da personagem.

Exemplo: “Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Tabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!”

No exemplo, podemos observar que o verbo vem conjugado no imperfeito e em terceira pessoa (*era*), acompanhado pelo pronome (*dele*), também em terceira pessoa, não se podendo precisar com exatidão se o pensamento é do personagem ou do narrador. Entretanto, a escolha das palavras (“no toco”, “de mão beijada”) remete ao vocabulário do personagem. O tom exclamativo do enunciado também pode ser considerado como uma expressão da sensibilidade de Fabiano.

Exemplo: Se achassem água ali por perto, beberiam muito, sairiam cheios, arrastando os pés. Fabiano comunicou isto à sinhá Vitória e indicou uma depressão no terreno. *Era um bebedouro, não era?* Sinhá Vitória estirou o beijo, indecisa e, Fabiano afirmou o que havia perguntado. *Então ele não conhecia aquelas paragens? Estava a falar variedades?* Se a mulher tivesse concordado, Fabiano arrefeceria, pois lhe faltava convicção (...).

Observe que no exemplo anterior de discurso indireto livre há a presença de um narrador onisciente prismático e fluxo de consciência do personagem Fabiano.